

EDUCAÇÃO

YEDA S. SANTOS, especial para o JORNAL DA USP

# Novo laboratório integra professores e alunos

*A geração dos que ensinam está se entendendo com a dos que aprendem através de instrumento que se mostra capaz de atender às duas pontas: o Laboratório de Ensino e Aprendizagem da FEA, lançado no final de outubro*

Jornal da USP  
4 a 10 nov 2002  
p. 16



Foto: Osvaldo J. Santos

Sonia Penin: pensando a educação

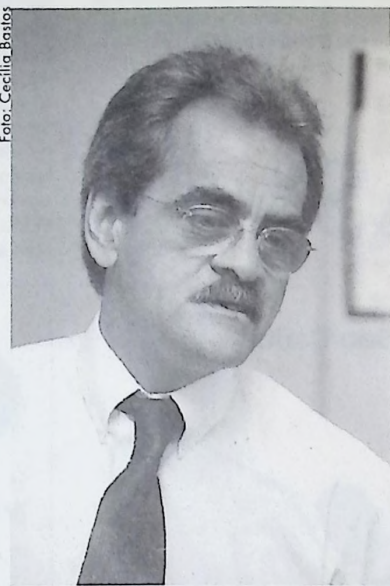


Foto: Cecília Bastos

Fischer: tecnologia apropriada

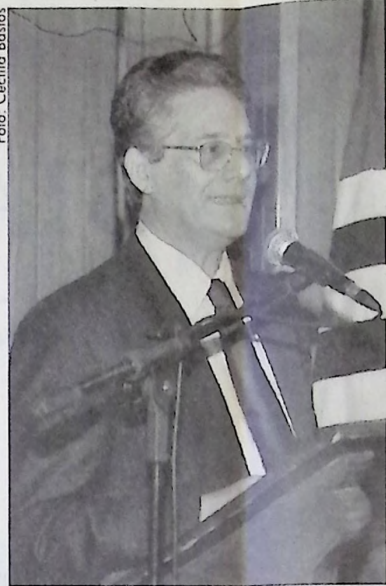


Foto: Cecília Bastos

Cruz: a Educação deve participar



Foto: Jorge Marinho

Tereza Fleury: o aluno no centro

Na tentativa de ajustar a convivência professor-aluno, a Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da USP lançou, em 25 de outubro, o Laboratório de Ensino e Aprendizagem, que deverá orientar professores no contato com novas tecnologias e métodos de ensino. O professor André Fischer, coordenador da área de Administração, também coordena o laboratório.

A idéia é aprimorar essa parceria, já que o aluno está cada vez mais envolvido com a informática, vivenciando histórias em tempo real, em muitas das quais consegue participar. Não está mais habituado a ouvir, mas a ver o que acontece na Internet ou na TV. Na opinião de André Fischer, o papel de intermediário exigido do professor para levar à aprendizagem, dentro desse contexto só será possível se municiado por tecnologia adequada. Caso contrário, tornará sua atividade pouco estimulante, diante do que é experimentado pelo aluno em casa e na comunidade.

Não que o bate-papo tenha desaparecido. A conversa descontraindo em sala de aula permanece, pois faz parte da postura dos professores da USP colaborar para a formação do aluno.

"A Universidade tem o papel principal de educar e não de meramente transmitir conhecimento técnico. Há 25 anos como professor da graduação, tenho certeza absoluta de que lidamos com personalidades em formação e mais de 50% do nosso papel é dar atenção a isso", afirma.

Porém, há dificuldade em tornar a aprendizagem significativa, do ponto de vista de quem aprende. Daí desponta a necessidade de desenvolver um corpo teórico como contraponto para a ação do aluno. "Ele sente cada vez mais a necessidade de integrar-se com o que está

fazendo, lidar com a teoria, com o conceito e, a partir daí, internalizar. Isso é bom, mas precisamos de ferramentas que nos dêem suporte."

Um dos desafios para a concretização do laboratório é romper a distância entre a geração que ensina e a que aprende. E a troca de experiências é apontada como caminho fundamental para enfrentá-lo. "Os alunos falam e aprendem em linguagem diferente da que aprendemos", pondera o professor Fischer. Claro que existem conceitos teóricos demais para fazer alguém interagir, como um curso de filosofia da administração, por exemplo.

Entre os objetivos, estão incrementar os cursos de educação a distância, implantar núcleo de apoio técnico em soluções tecnológicas, programa de diálogo sobre estratégias de aprendizagem, convênios com instituições externas e com parceiros dentro da USP, além de futuro portal para os professores.

André Fischer lembra que até pouco tempo tínhamos apenas quadro-negro, depois transparências e retroprojetores, hoje temos canhões multimídia, movimento. O mundo globalizado assim socializa crianças, que chegam à universidade com a expectativa de vê-lo reproduzido, ao menos em parte, na sala de aula. Querem histórias com resultados mais imediatos, transmitindo informações em tempo real, embora a aula tradicional não consiga atendê-las.

Os alunos da FEA, a princípio, e toda a Universidade, com o tempo, através de parcerias a serem implementadas, deverão usufruir desse tipo de benefício. Durante o lançamento do laboratório, no Seminário Aberto "Limites e Possibilidades da Aplicação do Método do Caso no Brasil," o vice-reitor Hélio Nogueira da Cruz, também professor da FEA, identificou como "muito oportuna"

a existência de mais um laboratório de ensino para integrar a Universidade. Lembrou que a participação da Faculdade de Educação da USP, nesse processo, deveria ser aprofundada.

Ensino e aprendizagem se confundem, na percepção da pró-reitora de Graduação, Sonia Penin. Para ela, "refletir sobre métodos de ensino e aprendizagem demonstra a não-aceitação cômica de pensar os cursos da FEA como os melhores do País, mas enfrentar o desafio de melhorá-los". Além disso, o laboratório cria oportunidades estimulantes aos alunos da graduação, cuja diretriz visa ao aprimoramento e valorização das atividades. "Devemos seduzi-los através de salas-ambiente e laboratórios na tentativa de envolvê-los com o que achamos importante para eles", sintetiza a professora, para quem a educação deve ter como meta a escolarização continuada, desenhando a trajetória de formação.

A idéia do laboratório é a de integrar conhecimentos já disponíveis na FEA, congregando novas formas de aprendizagem a experiências e métodos de ensino e, contribuindo, assim, para o aperfeiçoamento.

O ensino superior das escolas de economia, administração e contabilidade deverá voltar-se para a "aprendizagem centrada no aluno", defende a diretora da Faculdade de Economia, professora Maria Tereza Leme Fleury, especialista em Gestão de Pessoas.

Ela viabilizou o modo de aglutinar aprendizagem e ensino, através desse laboratório apoiado na Gestão do Conhecimento, servindo como meio de orientação ao professor. O ensino a distância, na FEA, onde muitos professores já atuam, foi também por ela capitaneado. "O laboratório é o caminho para construir a memória, através de avaliação e con-

solidação das experiências desenvolvidas", assinala.

Os alunos começam interagindo com o laboratório recém-inaugurado, participando do concurso Inovando no Aprender, para o qual deverão escrever monografia, até 8 de novembro de 2002, contando experiência vivida em sala de aula, a partir da aplicação de novas metodologias. O vencedor leva um palm top ([www.fea.usp](http://www.fea.usp)).

O Método do Caso, aperfeiçoado em Harvard, será importante referência. A metodologia ali criada e desenvolvida é reconhecida como fundamental por simular situações que o aluno encontrará no mercado de trabalho. Professores da FEA que fizeram curso naquela universidade estão aplicando aqui a metodologia: Fábio Frezatti, Marisa Eboli, Tânia Casado e André Fischer. Trata-se de preparar histórias nas quais existam dilemas a serem resolvidos, onde os alunos se colocam (interagem) para encontrar soluções. O professor é acionado apenas para auxiliar nas dificuldades.

Ricardo Seines, pesquisador do Centro Harvard Business School para o Brasil e América Latina, explica que "um bom caso" traz um pedaço da realidade a ser trabalhada. Além disso, deve ser curto e apresentar fatos com clareza e objetividade, em que o professor funciona como veículo efetivo de discussão.

Tal metodologia interativa de aprendizagem é centrada no aluno e não no professor. "Ele entra dentro do caso e trabalha nele", lembra o professor Fischer. No início de 2003, ações semelhantes serão implementadas com jogos da empresa, ensino a distância e portais de apoio à aprendizagem.

Para a psicóloga Tânia Casado, coordenadora do Centro de Carreira da FEA, "aprender não é um ato só cognitivo, é também afetivo". O aprender assim entendido se aplica à for-

mulação do estudo de caso de Harvard, por ter um protagonista para mobilizar o aluno. "Alguma coisa dentro dele deve ser mobilizada para que se identifique com o protagonista do caso e nele possa se envolver."

Há ali um dilema a ser resolvido, estrutura a ser discutida, abordagem conceitual a ser colocada. O caso é contado como um conto didático que acaba por identificar o aluno com o que está sendo demonstrado.

As histórias sempre são verdadeiras, de final aberto, onde é possível colocar todos os conceitos aprendidos. Na opinião da psicóloga, a abordagem centrada na pessoa deve ser sempre usada em sala de aula, para o ensino de modo geral, de modo a propiciar ambiente de aceitação e compreensão no sentido rogeriano (Carl Rogers) do termo: compreender o momento vivido pelo aluno, aceitar ritmos diferentes, levando a uma forma de relacionamento voltada para a aceitação do outro.

O Laboratório de Ensino e Aprendizagem preocupa-se em trabalhar com o aluno aquilo que é significativo para ele.

As formas de aprendizagem crescem, evoluem, se transformam e têm de ser acompanhadas. Trabalhar as novidades do aprender inclui apoiar-se em instrumento capaz de ajudar a solucionar os problemas encontrados nessa trajetória, buscando nova realidade.

O objetivo final é levar à adoção de práticas de ensino e de aprendizagem que possibilitem a quem ensina sentir-se confortável na transmissão e produção de conhecimento. A vantagem é que muitas delas já são utilizadas pela FEA, e o papel do laboratório é fazer com que sejam trocadas entre todos, facilitando a opção sobre qual adotar. Trata-se de um procedimento que colabora, ainda, para a renovação profissional do professor.